



BUSCANDO INCENTIVO A LEITURA ATRAVÉS DO TRABALHO COM GÊNEROS TEXTUAIS

Alvaro Carvalho Dias da Silva¹
UNISABER Faculdade

alvarocds@yahoo.com.br / aci.alvaro@gmail.com

INTRODUÇÃO

A leitura é uma forma de atribuição contínua de significado, os quais precisam ser desvelados pela compreensão do ser humano, pela subjetividade. Cada ser lê o mundo a partir de suas vivências, passa a ter suas reflexões através de sua própria existência humana.

A leitura é uma atividade permanente da condição humana, uma habilidade a ser adquirida desde cedo e treinada em várias formas. Lê-se para entender e conhecer, para sonhar, viajar na imaginação, por prazer ou curiosidade; Lê-se para questionar e resolver problemas. O indivíduo que lê participa de forma efetiva na construção da sociedade e de si mesmo, enquanto ser humano na sua totalidade.

Este trabalho tem como **objetivo geral**: “analisar o uso dos gêneros textuais nas séries finais do ensino fundamental e suas contribuições no processo de incentivo a leitura”, sendo esta uma **pesquisa bibliográfica**, procurando compreender os principais teóricos sobre que trabalharam esta temática (GIL, 2008).

Para um maior entendimento da concepção de leitura recorreremos a Freire (1989, p.8), “aprender a ler, a escrever, a alfabetizar-se é, antes de tudo, aprender ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade”. Por isso, ler é identificar-se com o apaixonado ou com o místico.

A leitura pode, de fato, tornar-se meio essencial da aquisição de conhecimentos, os PCN’s de Língua Portuguesa (1998) propõem a utilização dos gêneros textuais como objeto de ensino para a prática de leitura, produção e sugerem o lugar do texto oral e escrito como concretização de um gênero, e, por isso, defendem os gêneros como fortes aliados no processo de ensino-aprendizagem.

¹ Doutorando em Educação; Mestrado em Ciências da educação; Pós Graduado nas áreas de Psicopedagogia – Ensino de História e Geografia – Docência no Ensino Superior; Graduado em Licenciatura Plena em História e em Pedagogia.

Tem-se observado que, no decorrer do letivo, a maioria dos alunos, especificamente, os das séries finais do Ensino Fundamental II, ainda não se conscientizou da importância e da necessidade da leitura. Muitos ainda veem a leitura como uma obrigação para que se consiga atingir o seu principal objetivo que seria sua possível aprovação no final do ano.

Percebe-se também, que o desprazer pela leitura, demonstrado por tais alunos, parece vir da falta de incentivo tanto em casa quanto na sala de aula. Partindo desse pressuposto, faz-se necessário apelar para que os professores, tentem incentivá-los através de estratégias pedagógicas que atraiam a atenção e despertem o gosto de ler.

Nesse contexto, cabe o uso dos gêneros textuais como uma maneira de dinamizar o processo de leitura e produção textual. No entanto, os gêneros textuais existem em número quase ilimitado, variando em função da época, das culturas, das finalidades sociais, de modo que, mesmo que a escola se impusesse a tratar de todos, isso não seria possível, segundo afirma os PCN (2001).

Portanto, é preciso priorizar os gêneros que merecem abordagem mais aprofundada, significativa e atrativa ao aluno, cujo contato com essa diversidade de gêneros textuais vai motivá-lo a pesquisar, a ler e a interpretar qualquer gênero que encontre. Mas, isso só ocorrerá, se o professor usufruir dessa leitura não apenas com o objetivo de avaliar, de interrogar, de elaborar exercícios em forma de questionários, segundo afirma Solé (1998, p.36):

[...] é possível ensinar aos alunos outras estratégias que propiciem a compreensão leitora e a utilização do que foi lido para múltiplas finalidades... quando a leitura é considerada um objeto de conhecimento, seu tratamento na escola não é tão amplo como seria de se desejar, pois em muitas ocasiões a instrução explícita limita-se ao domínio das habilidades de decodificação.

Conforme a autora afirma, o que se pretende com as estratégias de leitura em sala de aula, é que se goste de ler para que se aprendam novos conhecimentos lendo.

É evidente que para se trabalhar com os gêneros textuais, não basta expor uma diversidade de gêneros para serem lidos. Só isso não vai motivar ninguém. A sugestão é que em cada aula, se deva apresentar um texto diferente, tais como:



notícias, reportagens, histórias em quadrinhos, charges, artigos de opinião, dentre outros. Porém, antes da leitura, precisa-se planejar o que se pretende alcançar com tal leitura, e isso se faz com o levantamento de alguns conhecimentos prévios e questionamentos sobre o texto, feitos junto aos alunos antes da leitura, como: Que tenho de ler? Por que/para que tenho que lê-lo? Que sei sobre o conteúdo do texto? Que sei sobre conteúdos afins que possam ser úteis para mim? Que outras coisas sei que possam me ajudar: sobre o autor, o gênero, o tipo do texto? Qual é a informação essencial proporcionada pelo texto e necessária para conseguir o meu objetivo de leitura? Esse texto é coerente?

Então, pode-se afirmar que acrescentando tudo isso e mais algumas estratégias adequadas à leitura do gênero, ocasionará mais interesse e prazer no leitor quando o mesmo entrar em contato com um texto. Assim, o aluno não mais vai ler só por ler, pois vai ter algum conhecimento a mais que lhe provoque algum interesse de ler, já que o texto se tornará mais significativo e atrativo aos olhos do leitor.

Seguindo esse raciocínio, Villardi (1999) afirma que é a escola que afasta a criança do livro, quando não procura inovar em suas estratégias metodológicas, apostando apenas no hábito, na obrigação e na necessidade de ler, e não investindo no gosto, no prazer, numa predisposição que se realmente pelo próprio aluno, a cada leitura.

Nessa visão, Villardi (1999) propõe que a escola reverta esse quadro, buscando sempre em que consiste o prazer de ler, já que alguém pode se emocionar por admirar a maneira como uma obra foi feita, num processo que se dá para além de nossos sentidos.

Interessante é que esse mesmo fenômeno ocorre com a literatura. Pode-se gostar de um determinado livro simplesmente pelo jeito de ler ou de contar aquela história. Assim como também, se tem um conhecimento prévio, a riqueza dos detalhes, o motivo de certas palavras empregadas, a forma como os diversos fragmentos da obra se articulam com as informações essenciais do autor do livro, da obra literária ou do texto que se pretende ler, fica evidente que essa leitura vai gerar emoção e despertar o interesse e o gosto de ler. Segundo, Villardi (1999, p.37):

Ensinar a gostar de ler é exatamente isso: é ensinar a se emocionar com os sentidos e com a razão (porque, para gostar apenas com os sentidos, não há necessidade da interferência da escola); e, para isso, é preciso ensinar a enxergar o que não está evidente, achar as pistas e a retirar do texto os sentidos que se escondem por detrás daquilo que se diz.



Com isso, a autora critica a leitura superficial que se costuma desenvolver na escola, pois tal procedimento reduz o texto àquilo que ele não é, negando ao leitor toda emoção e o prazer que só transparecem quando se desenvolve uma metodologia que permita ao aluno descobrir o que no texto fica subentendido, e que o leve ao prazer de sentir-se agente de sua própria leitura.

E a estratégia de se trabalhar os gêneros textuais em sala de aula, como impulso para a reversão desse quadro, surge como uma metodologia que possa contribuir para que o aluno se enverede pela leitura, independentemente do gênero textual que se pretende ler. Sabe-se que a descoberta do prazer de ler é um processo, e que, portanto, não se consegue o resultado em pouco tempo.

Inicialmente, o professor pode dar ênfase aos gêneros textuais como uma forma de introduzir as suas aulas, ou seja, todas as aulas serão iniciadas por um texto escolhido e lido pelo professor para que, juntamente com a turma, façam uma reflexão e uma análise sobre o mesmo. É claro que o professor não deve apenas ler o texto e/ou mostrar o que o texto tem de interessante, antes que o aluno descubra. Assim, Villardi (1999, p: 39) declara: “[...] não cabe ao professor mostrar o que está no texto, mas dar ao aluno os elementos necessários à construção de uma leitura tão profunda quanto permitir sua capacidade de análise e sua visão de mundo”.

Dessa forma, os alunos vão perceber a maneira prazerosa com que o professor lida com os textos. Com o passar do tempo, o próprio aluno tomará a iniciativa de trazer um texto para compartilhar com os demais colegas e professor. E isso, formará um “círculo vicioso” em que cada um vai querer pesquisar e expor um texto e/ou até mesmo, produzir o seu próprio texto para apresentá-lo, com sua interpretação.

É lógico que após a leitura do texto, o professor deve instigar os alunos a fazerem comentários e se posicionarem criticamente, diante daquilo que não está óbvio no texto.

Por isso, os textos a serem selecionados, com o intuito de descobrir no aluno o gosto pela leitura, são aqueles que, por suas características e usos, podem favorecer a reflexão crítica, o exercício de formas de pensamento mais elaboradas e abstratas, bem como a fruição estética dos usos artísticos da linguagem, ou seja, os mais vitais para a plena participação numa sociedade letrada.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho proporcionou compreender o uso dos gêneros textuais discursivos e o papel do professor, independentemente da área do conhecimento em que leciona, devendo estar sempre pautado numa postura ética e numa prática reflexiva para que junto aos alunos desenvolva estratégias metodológicas que visem incentivar e despertar, no aluno, o gosto pela leitura.

É preciso que as situações escolares de ensino de Língua e outras áreas de conhecimento priorizem os textos que caracterizem os usos públicos da linguagem. Por esta razão, o professor deve evitar o padrão, pergunta/resposta de questionário interpretativo, que os livros didáticos já o trazem prontos e acabados, sem nada a acrescentar. Pois, de nada adianta fugir da forma tradicional de lidar com os textos, se continuam a “cobrar” perguntas e respostas tradicionais, sem dar margem à leitura e à interpretação do aluno a partir do seu conhecimento prévio e da sua visão de mundo.

Por isso, o professor em sua prática pedagógica deve ampliar o seu roteiro de leitura, a fim de transmitir a emoção, o encantamento e o prazer que um texto e/ou uma obra literária deixa transparecer até no modo de ler. Pois, a leitura tem que ir muito mais além daquilo que está óbvio e explícito no texto, para que o aluno se enverede pelo mundo da leitura e descubra o prazer de ler.

Portanto, a pesquisa mostrou a importância de se trabalhar os gêneros textuais de maneira significativa e atrativa para o aluno. Enfatizando que o trabalho com os gêneros textuais oferece aos alunos o contato com uma leitura mais dinâmica e motivadora, oportunizando-lhes se identificarem e/ou tomarem gosto por algum ou vários gêneros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 2001.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**. Língua Portuguesa de 5ª a 8ª série do 1º grau. Brasília: MEC/SEE, 1998. 139p.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de pesquisa social**. 6.ed. São Paulo: Atlas S.A., 2008.
- SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Art Med, 1998. Texto 1 e 2.
- VILLARDI, Raquel. **Ensinando a gostar de ler e formando leitores para a vida inteira**. Rio de Janeiro: Qualitymark/Dunya Ed. 1999.